

# Significação e comunicação na construção da imagem-conceito

Rudimar Baldissera<sup>1</sup>

Sob o Paradigma da Complexidade (Morin), propõe-se pensar a imagem sob três enfoques principais: imagem físico-visível, imagem-linguagem e imagem-conceito. Apresenta-se a compreensão/explicação de imagem-conceito como construto simbólico, complexo e sintetizante, de caráter judicativo/caracterizante e provisório, realizada pela alteridade mediante permanentes tensões dialógicas, dialéticas e recursivas, intra e entre uma diversidade de elementos-força, tais como a cultura, os saberes prévios, a subjetividade e as expectativas. Afirma-se a tese de que a imagem-conceito, anterior à comunicação, realiza-se no âmbito da significação, tendo a comunicação como um dos seus principais processos potencializadores.

Palavras-chave: imagem-conceito, comunicação, significação.

*Signification and communication in the concept-image construction.* Under the Paradigm of Complexity (Morin) we can consider the image in three main approaches: physical-visible image, language-image and concept-image. The understanding/ explaining of the concept-image is presented as a symbolic construct, which is also complex and synthesizing. It has a judging/characterizing and provisional character, performed by the alterity based on constant dialogical, dialectic and recursive tensions, within and between a diversity of strength-elements, such as culture, the prior knowledge, the subjectivity and expectations. The thesis affirms that the concept-image, prior to communication, is held within the signification, which has communication as one of its main process potentiators.

Keywords: concept-image, communication, signification.

*Bajo el paradigma de la Complejidad (Morin), se propone pensar la imagen bajo tres enfoques principales: imagen físico-visible, imagen-linguaje e imagen-concepto. Se presenta la comprensión/explicación de la imagen-concepto como una construcción simbólica, compleja y sintetizante, de carácter judicativo/caracterizante y provisório, realizada por la alteridad mediante permanentes tensiones dialógicas, dialécticas y recursivas intra y entre una diversidad de elementos-fuerza, tales como la cultura, los saberes previos, la subjetividad y las expectativas. Se afirma la tesis de que la imagen-concepto, anterior a la comunicación, se realiza en el ámbito de la significación, teniendo la comunicación como uno de sus principales procesos potencializadores.*

*Palabras clave: imagen-concepto, comunicación, significación.*

<sup>1</sup> UFRGS. E-mail: rudimar.baldissera@ufrgs.br.

## Preliminares

Vive-se a sociedade da(s) imagem(ns). Mas de que imagem se fala? Polissêmico, esse termo atualiza diferentes noções a ele relacionadas. A fertilidade de significação apresenta-se como húmus para os usos mistificados do termo, particularmente quando se trata da idéia de imagem-conceito (objeto/sistema deste estudo), que é empregada em enunciados e procedimentos que revelam uma concepção (configuração, compreensão) simplificada ou mesmo equivocada. Com frequência, a despeito de qualquer sustentação epistemológica, teórica e mesmo prática, o termo é materializado em expressões do tipo “passar imagem” e “vender imagem”.

Há forte desejo de se estabelecer uma fórmula, ou um simples esquema que seja modelar para os processos de fabricação da imagem-conceito e, assim, indiscriminadamente, atender com rapidez às necessidades de visibilidade e, por que não dizer, de poder, tão característicos da sociedade contemporânea. Entretanto, diferentemente do desejado, não há garantias de que a idealização de uma determinada imagem-conceito quando do planejamento e da implantação de ações estratégicas (particularmente as de comunicação), resulte na institucionalização de tal imagem-conceito. Antes, tais processos parecem solicitar a atualização de complexas negociações, seja no nível dos sentidos, das informações, seja no das resistências eco-físio-psico-sócio-culturais<sup>2</sup>.

A cotidianidade, nessa perspectiva, revela a compreensão de que a imagem-conceito é do lugar da comunicação. Porém, até que ponto essa premissa se sustenta? Aqui, defende-se a tese de que a imagem-conceito, mais do que um resultado transitório-dinâmico dos processos comunicacionais, tem sua atualização atrelada aos complexos processos de significação, portanto, historicamente semiotizada e tecida em um contexto eco-psico-sócio-cultural.

## Sobre a tensão comunicação-significação

Por comunicação entende-se o processo de construção e a disputa de sentidos (Baldissera, 2000). Essa concepção parece dar conta da importância que a significação assume para os/nos processos comunicacionais e o quanto permite pensá-los como complexos, marcados pela presença do todo e atualizados por articulações e tensões dialógico-recursivas<sup>3</sup>. Vale observar, nessa direção, que a comunicação caracteriza-se por exigir, por ser relação (requer ligações/encontros/tensões entre, pelo menos, dois: relação “eu-outro”) e toda relação é, segundo Foucault (1996, p. 75), uma relação de forças, portanto, de disputa. Trata-se, aqui, da disputa da significação que é posta em movimento nos e pelos processos comunicacionais, que é influenciada e orientada por vários elementos-força, tais como o contexto, a psique, a cultura, o imaginário, a história, o fisiológico e as competências.

Assume-se, então, uma postura epistemológico-teórica que, além de pôr em suspenso as determinações do tipo “causa-efeito”, constitui-se em húmus que “faz surgir/permite florescer” a compreensão de que a comunicação qualifica-se como lugar de sujeitos-força em relações dialógico-recursivas. Por intermédio da e na comunicação, os sujeitos, como forças ativas, reativas, organizadoras, desorganizadoras, são tensionados e, em diferentes graus e formas, essas forças se realizam para direcionar os sentidos que desejam (consciente e/ou inconscientemente) ver internalizados e digeridos pela outra força em relação de comunicação.

Como relação, a comunicação tensiona o “eu” com o “outro” (mesmo que esse “outro” não seja exterior, mas uma das outras identificações possíveis amalgamadas/tensionadas sob a mesma identidade<sup>4</sup>) e atualiza a

<sup>2</sup> Na expressão eco-físio-psico-sócio-culturais, o termo ‘eco’ significa ecossistêmica (diversidade de sistemas e sub-sistemas articulados) e o termo ‘físio’ refere às questões fisiológicas do sujeito.

<sup>3</sup> Este estudo tem como norte o Paradigma da Complexidade proposto por Morin, particularmente os três princípios básicos: o “dialógico” – funda-se “[...] na associação complexa (complementar, concorrente e antagonista) de instâncias necessárias ‘junto’ à existência, ao funcionamento e ao desenvolvimento de um fenômeno organizado” (Morin, 2000, p. 201); associa/une termos do tipo ordem/desordem, *sapiens/demens*, mantendo, assim, a dualidade no seio da unidade; o “recursivo” – “[...] é um processo em que os produtos e os efeitos são ao mesmo tempo causas e produtores daquilo que os produziu” (Morin, 2001, p. 108); e o hologramático – “a parte não somente está no todo; o próprio todo está, de certa maneira, presente na parte que se encontra nele” (Morin, 2002, p. 01).

<sup>4</sup> A identidade é entendida como “[...] complexus de identificações, isto é, a identidade é a tessitura e a força que amalgama as várias identificações possíveis de um indivíduo-sujeito – portanto, também de uma organização, cultura, sociedade. Sob esse prisma, a identidade somente é possível pelas relações, pelas presenças, ou seja, o ‘eu’ exige a presença do ‘outro’ para ter sentido” (Baldissera, 2004, p. 104). E mais, “essa força (identidade), ao mesmo tempo em que mantém as identificações juntas, suturadas como desenvolvimento/estória linear e coerente, dando a impressão de unicidade, também gere as manifestações identificatórias” (Baldissera, 2004, p. 185).

articulação de interdependência entre a identidade e a alteridade. Pode-se dizer que, nos processos de comunicação, a natureza das disputas de sentido não é de sobre-determinação de uma força à outra força em relação, mas de diálogo que torna presentes os sujeitos (identidade/alteridade) e, em diferentes graus, tensiona-os. Assim, constroem a comunicação e são por ela e nela realizados. Talvez esse seja um motivo fundante para a necessidade de o ser humano comunicar, para experimentar, dentre outras coisas, o prazer de sentir-se transformador e transformado, de perceber o gozo do dominar e do ser dominado, a sensação de, pelo encontro, ser igual e diferente – o “mesmo” e o “outro”.

Assim, a comunicação assenta-se como lugar e fluxo privilegiados para as inter-relações e interações culturais e identitárias. Nos e pelos processos comunicacionais, as diferentes culturas e identidades, dentre outras coisas, flertam, desestabilizam-se, sorvem-se, constroem-se, violentam-se, resistem umas às outras, transformam-se e, dessa “orgia”<sup>5</sup> de sentidos, geram a fertilidade para a regeneração mútua. Nesses processos, (re)liga-se toda a sorte de influências e memórias (cultural e biológica). Parece evidente, aqui, a centralidade que a significação assume para a comunicação que, como construção e disputa de sentidos, dá ares de estar condenada a habitar o território das versões, o limbo do devir e/ou ser a fugacidade de um presente possível, mas que não se deixa “tomar”; seduz e se desfaz.

Vale observar que a significação contempla a articulação dos sentidos em uma dada textura eco-psico-histórico-sócio-cultural; atualiza o sentido em relação a uma situação. Trata-se, pois, de algo aberto, plural e variável. De acordo com Compagnon (2001, p. 86). “[...] a ‘significação’ é o objeto da ‘aplicação’ do texto ao contexto de sua recepção (primeira ou ulterior) e, portanto, de sua avaliação”. Assim como o signo, que, conforme Eco (1991, p. 39-40), é uma entidade em permanente transformação, a significação experimenta o permanente (re)tecer. Novas informações e experiências (de quaisquer naturezas) permitem ao sujeito reconhecer nos mesmos signos novas porções de significação e conferir a signos diferentes a mesma significação, ampliando ou restringindo, organizando ou desorganizando e construindo ou desconstruindo a significação atribuída.

Atente-se para o fato de que é mediante a construção de sentidos que se conhece o mundo. O ser humano recria as coisas “[...] por meio do sentido, transformando-as de elementos insignificantes em objetos carregados de significação cultural. O mundo do ser humano é sempre um sentido de mundo” (Ruiz, 2003, p. 59). Dizer que o ser humano constrói o mundo pautado por suas impressões, não significa afirmar que o sentido seja da qualidade do individual, de domínio de um único sujeito. Conforme Bakhtin (1999), o sentido é social ou, nas palavras de Ruiz (2003, p. 67): “o sentido é sempre social. Ele se organiza em teias e estruturas de significados, a fim de estabelecer suturas simbólicas que dêem coerência à ação humana”.

No entanto, hipoteticamente, pode-se pensar que, se um determinado indivíduo for abandonado, ainda muito pequeno (antes de ser construído pela cultura de seu grupo), à sorte de viver isolado de qualquer grupo sociocultural, tenderá a experimentar o mundo de maneira muito particular e, também, a significar as coisas a partir de impressões e de sensações bastante individuais. As relações “eu-outro” (mundo) que experimentará, exigirão o desenvolvimento de artifícios (tais como codificações rudimentares) para que possa apreender o mundo e guardar informações sobre ele, mesmo incipientes. Particularmente, é provável que se incline a observar aspectos que lhes são mais vitais, como, por exemplo: de que forma conseguir alimentação, qual a que lhe parece melhor e mais saborosa; como se proteger das diversas ameaças a sua integridade física. Pontua-se, assim, que, apesar de os autores afirmarem que a significação é social, é redutor pensar que o sujeito não participe ativamente de tal processo.

Nessa direção, destaca-se a afirmação de Ruiz (2003) de que a imaginação é anterior à racionalidade consciente, ou seja, ao nascer, a criança não pensa, raciocina ou argumenta, mas imagina, sonha e fantasia o mundo. A identidade humana da criança é constituída “[...] pela singularidade de colocar em imagens representativas, mesmo que sejam fugazes, uma alteridade ainda incompreensível [...]. Nosso primeiro contato com o mundo está embalado pela imaginação” (Ruiz, 2003, p. 29-30). Isso parece contemplar a idéia de que, primeiramente, atribui-se significação ao entorno e que, em algum momento e em dado nível, essa atribuição de significação é, também, da qualidade do individual.

<sup>5</sup> Emprega-se o termo “orgia” para atualizar a idéia de os efeitos de sentidos serem multidirecionais, dispersivos/organizados, aleatórios/motivados, conscientes/inconscientes. Enfim, em permanente semiose, são atualizações que não se permitem apreender, descrever ou fixar.

Essas considerações evidenciam a impossibilidade da cristalização da significação; o mundo é constantemente (re)criado pelo sujeito em processos de construção de sentidos. Porém, esses sentidos não apenas “refletem o mundo como uma rede de significados culturais por meio dos quais se compreende e transforma a realidade”, como afirma Ruiz (2003, p. 59), mas também revelam sujeitos tensionados, perpassados, tecidos juntos com e na cultura. Daí que suas impressões/*hermeneusis*<sup>6</sup> são culturalmente maculadas. Pode-se dizer, então, que a rede simbólica (cultura) “constitui-se por” e “constitui” visões de mundo. Sob esse prisma, ainda de acordo com Ruiz (2003, p. 59), os seres humanos têm sua subjetividade formada à medida em que se inserem numa determinada cosmovisão, isto é, ao serem tramados em uma rede simbólica particular, passam a ser “sujeitos socializados”.

Ainda para refletir sobre a tensão significação-comunicação-cultura, importa destacar que, de acordo com Eco (1991, p. 6), o sistema de significação é “um ‘constructo semiótico autônomo’, com modalidades de existência de todo abstratas, independentes de qualquer ato de comunicação possível que as atualize”. A ocorrência da significação pode prescindir de processos comunicacionais. Pode-se dizer que a natureza da significação é a do lugar da percepção de sentidos, portanto relacional (eu-outro), que é anterior ao da comunicação. A significação não se restringe aos processos comunicacionais.

Vale lembrar que a significação é atribuída a partir do lugar que o sujeito e o texto (tudo o que puder ser significado) ocupam no contexto. Um texto que pontua, ilustra e esclarece esse processo é “As cidades e o desejo”, de Calvino (1990). Discorrendo sobre os desejos que o marinheiro e o camaleiro carregam (são carregados), ao aproximarem-se da cidade Despina, o autor diz: “o camaleiro que vê despontar no horizonte do planalto os pináculos dos arranha-céus, as antenas de radar, os sobressaltos das birutas brancas e vermelhas, a fumaça das chaminés, imagina um navio; sabe que é uma cidade, mas a imagina como uma embarcação que pode afastá-lo do deserto”. Por sua vez, o marinheiro, dentre a neblina costeira, “distingue a forma da corcunda de um camelo, de uma sela bordada de franjas refulgentes entre duas corcundas malhadas que avançam balançando; sabe que é uma cidade, mas imagina

como um camelo de cuja albarda pendem odres e alforjes de fruta cristalizada, [...]”, e finaliza: “cada cidade recebe a forma do deserto que se opõe; é assim que o camaleiro e o marinheiro vêem Despina, cidade de confim entre dois desertos” (Calvino, 1990, p. 21-22).

Esses fragmentos literários ilustram a relação estabelecida entre o sujeito e o seu mundo sensível/texto (no caso, uma cidade). O sujeito é apresentado como agente no processo de construção do seu objeto de significação. É preciso observar, porém, que sua leitura está fortemente marcada pelo seu lugar sociocultural, por mais que se possa pensar que seja livre para atribuir significação e para experimentar sentidos. Há relações de interdependência dialógico-recursivas entre o leitor, o seu repertório e a sua leitura. Assim, as construções de significação que o camaleiro e o marinheiro relacionam à cidade – reconhecendo, articulando e tensionando os estímulos por ela emitidos como mundo sensível, às suas capacidades, desejos e condições para atribuir significação – provavelmente são, de certa forma e em certo grau, os desejos dos seus grupos sociais (princípio hologramático), isto é, representam a satisfação das necessidades na busca do que eles não têm. Ao reconhecer a cidade como um navio/camelo, os sujeitos dialogam com essa realidade construída, atualizam possibilidades de significação e interpretação e experimentam, imaginariamente, a sensação de ser “outro”, aquele que ele acredita viver a realidade de seu desejo.

Ainda sobre a tensão comunicação-significação, Eco (1991, p. 6) afirma que a comunicação pressupõe significação, isto é, os processos de comunicação entre humanos – exceção feita aos processos de estimulação simples – exigem “[...] um sistema de significação como condição necessária”. Diferentemente do que acontece com a significação, tem-se que a comunicação não é possível senão articulada com os sistemas de significação. Como já dito, a comunicação pressupõe sentidos em circulação e disputa.

Importa dizer que, apesar da profusão de impressões e de significação<sup>7</sup> nas inter-relações “eu-outro”, “sujeito-cultura-mundo”, com tendência a serem desordenadas e dispersivas, a desorganização não se apresenta ilimitada ou absoluta, pois socioculturalmente se desenvolvem mecanismos organizativos de tal orgia de sentidos. Tende-se a acreditar no fato de que, quanto mais estreitas

<sup>6</sup> Segundo Ruiz (2003, p. 59-60), “o ser humano, distanciado irremediavelmente da realidade, une-se a ela por meio da dimensão hermenêutica, a qual forma parte constitutiva de sua pessoa. Do mesmo modo que não pode escolher ter ou não alteridade, não pode optar por ser ou não ser hermenêuta. A *hermeneusis* é a condição de possibilidade da sua existência”.

<sup>7</sup> Segundo Bakhtin (1999, p. 131), “a significação não quer dizer nada em si mesma. Ela é apenas um potencial, uma possibilidade de significar no interior de um tema concreto”.

e dogmáticas forem as codificações empregadas nos processos comunicacionais, maior a tendência de organizar e limitar as possibilidades de significação e de individuação interpretativa realizadas pelos sujeitos em diálogo.

## Sobre imagem-conceito

Disputando visibilidade, organizações, instituições e sujeitos políticos “buscam conceitos positivos submetendo-se à engenharia de fabricação e manutenção da imagem, através de discursos informativos e persuasivos num jogo ininterrupto de aparências, espelhos e máscaras no qual prevalece a lógica do consumo” (Weber, 1999, p. 71). Cultura, imaginário e processos identificatórios parecem enunciar, em uníssono, que “imagem é tudo”, e as *práxis* tendem a corroborar e a (re)afirmar tal sentença. Importa, então, pela relevância que assume, estudar a polissêmica noção de imagem (do latim, *imago*; do grego *eikon*), buscando compreendê-la e explicá-la. Para isso, propõe-se a tríade: imagem físico-visível, imagem-linguagem e imagem-conceito.

### Imagem físico-visível

Como alteridade, o mundo impressiona o eu por meio da imagem que dá de si. Nesse sentido, a imagem mantém uma dupla dependência: a da existência da luz e a do modelo, ou seja, do objeto no qual a luz se reflete. É o mundo que se manifesta em fluxos dispersivos, reflexos caóticos e se projeta visível; é a visão que o capta e o organiza, pois que “o olho é uma ‘câmara obscura’, dotada de um ‘jogo de lentes’, que converge os raios luminosos para a parede interna oposta ao orifício, captando, desta forma, a imagem” (Guimarães, 2000, p. 21). A imagem, no plano físico, implica fluxos de luz em tensão com um aparelho óptico no nível da tenra imediaticidade eco-fisiológica e sensibilidade psíquica não-significada. Multidirecionais, os raios o envolvem e o atravessam, causando desordem, mas também, e concomitantemente, constituem-se em impressões que, quando articuladas e dotadas de significação, podem constituir-se em informações para o (re) conhecimento do mundo sensível.

À medida que, nessa articulação de forças, os raios projetam-se e constroem o sistema óptico, são por eles percebidos, enquadrados, focados e convergidos para presentificar imagens. Antes de a mente humana conseguir atribuir sentido ao que está captando, a qualidade e a força<sup>8</sup> da luz se fazem sentir à consciência imediata como tom, matiz, existência. É a experiência das sensações e do próprio existir em relação, pois o mundo se apresenta ao humano, desde os primeiros contatos estabelecidos pelo recém-nascido, como imagens visuais “que invadem a experiência existencial e vão confeccionando um sentido do mundo, um mundo para nós. Por meio das imagens significativas do mundo, vamos tecendo nossa identidade” (Ruiz, 2003, p. 30). Assim, ao mesmo tempo, a alteridade (mundo), mediante imagens, sensibiliza a psique e essa, por seu turno, toma impressões do mundo.

A partir disso, o real da imagem no aparelho óptico é uma projeção, não é a coisa em si, mas sua apresentação luminosa. A compreensão de imagem como resultante dessa relação física que se estabelece entre os fluxos de feixes luminosos e o aparelho óptico pode ser denominada de imagem física. Pensa-se, aqui, em todas as imagens que se formam, instantaneamente, a todo ver, independentemente de quem olha, guardadas as diferenças devido às especificidades físicas e fisiológicas da constituição do aparelho óptico de cada indivíduo. Assim, como construção físico-luminosa, a imagem física parece ser privada de juízo de valor, de apreciação simbólica; fenômeno físico-sensível, a imagem física é a instância básica da categoria imagem.

### Imagem-linguagem

As imagens físicas podem constituir-se em linguagem, isto é, podem receber significação, ser codificadas, assumindo o caráter de linguagem imagética, e, dessa maneira, podem ser empregadas nos processos comunicacionais. É o “domínio das imagens como representações visuais: desenhos, pinturas, gravuras, fotografias, e as imagens cinematográficas, televisão, holo e infográficas [...]. Imagens, nesse sentido, são objetos materiais, signos que representam o nosso ambiente visual” (Santaella e Nöth, 2001, p. 15). Com base em convenções socioculturais, as imagens físicas, teoricamente, podem ser captadas, codificadas e empregadas como mensagens, ou parte de

<sup>8</sup> Sob o prisma da semiótica de Peirce, a qualidade estaria contemplada por aquilo que denomina de “primeiridade” e a questão da força, pela “secundidade”. Sobre essas questões, ver, dentre outros, Peirce (1975) e Santaella (2002).



mensagens, para que os sentidos aí ofertados levem o leitor a realizar determinadas interpretações.

Também é preciso pensar naquelas imagens que se formam na mente, a partir da articulação de linguagens, especialmente, a verbal. Esse é “o domínio imaterial das imagens na nossa mente. [...] [elas] aparecem como visões, fantasias, imaginações, esquemas, modelos ou, em geral, como representações mentais” (Santaella e Nöth, 2001, p. 15). Nesse sentido, Calvino (2001, p. 99) observa que é possível “distinguir dois tipos de processos imaginativos: o que parte da palavra para chegar à imagem visiva e o que parte da imagem visiva para chegar à expressão verbal”. Pode-se dizer que, por exemplo, uma descrição remete, imediatamente, a um processo de construção de imagens mentais. Ao ler, “somos levados a ver a cena como se esta se desenrolasse diante de nossos olhos, se não toda a cena, pelo menos fragmentos e detalhes que emergem do indistinto” (Calvino, 2001, p. 99). Tais imagens são codificadas, têm significação.

## Imagem-conceito

Além de se realizarem como imagem física ou como imagem-linguagem, as imagens podem manifestar-se como juízo de valor, apreciação, conceito que uma mente humana (ou grupo) atribui a alguém, a algo ou a alguma coisa (pessoa, instituição, organização, processo, objeto). Trata-se, segundo Gomes (1999, p. 148), de uma homonímia; a imagem designa fenômenos distintos que têm em comum a propriedade de serem “representações”: “Assim como a imagem, em seu sentido comum, visual, representa ou apresenta algo para alguém assim também o faz a imagem em seu sentido figurado, por exemplo, a imagem do Brasil que têm os credores internacionais” (Gomes, 1999, p. 148). Observa que, a não ser pelo fato de serem representações, a imagem em seu sentido figurado – imagem-conceito – e a noção de imagem plástica, ou simulação visual não guardam relações. Nessa perspectiva e para destacar o que lhe é próprio, Gomes (1999, p. 149) afirma que: (a) “é possível ter imagem mesmo daquilo a que não corresponde qualquer representação visual”; (b) nem todas as imagens podem “ser traduzidas visualmente”; e (c) “imagens se fazem com ações e com discursos, principalmente, e, além disso, com configurações expressivas que incluem, claro, elementos visuais, ao lado de outros tantos”. Se, por um lado, o processo de construção da imagem-conceito pode convocar imagens visuais, por outro, não significa que a imagem-conceito não possa se atualizar independentemente da articulação de imagens dessa qualidade.

No (re)tecer da imagem-conceito (em seu caráter de permanente plasmação), julgam-se pessoas, comportamentos, idéias, administrações e empresas, dentre outros, a partir do lugar que cada indivíduo ou público julgador assume no seu sistema sociocultural. “A imagem de algo ou alguém é, pois, um ato judicativo sobre esse objeto, mas um ato judicativo que se refere diretamente àquele complexo de propriedades que o caracterizam” (Gomes, 1999, p. 151). Nesse sentido, a imagem-conceito contempla a noção de reputação, pois formar conceito implica apreciar, considerar, ajuizar, sentenciar e sancionar. “Fama, nome e reputação, pelo menos aparentemente, poderiam recobrir adequadamente o campo semântico que nesses dias vem designado como imagem” (Gomes, 2004, p. 256). Observa-se que a imagem-conceito não é construída sobre a identidade em si, mas com base na percepção que a alteridade tem sobre ela, isto é, sobre o que parece ser. De caráter simbólico, a imagem-conceito tem seus fundamentos nos processos de significação.

Assim, a noção de imagem-conceito é explicada como um construto simbólico, complexo e sintetizante, de caráter judicativo/caracterizante e provisório, realizada pela alteridade (recepção) mediante permanentes tensões dialógicas, dialéticas e recursivas, intra e entre uma diversidade de elementos-força, tais como as informações e as percepções sobre a identidade (algo/alguém), a capacidade de compreensão, a cultura, o imaginário, a psique, a história e o contexto estruturado.

Dito isso, importa que se observe que Ruiz (2003), referindo-se ao processo de objetivação, de (re)apresentação do mundo, afirma que a criança o constrói por meio de imagens, isto é, ela primeiro imagina o mundo. Nessa etapa, ainda não se trata de comunicação, mas de apreensão e diferenciação do entorno pelos sentidos. Sem pretender comunicação, o bebê começa a apreender o mundo por meio das sensações. Imerso em um determinado ambiente, inicia processos de construção de sua identidade em relação à sua alteridade. Já nesses processos, tende a avaliar algo simples, sem complexas e conscientes elaborações mentais, suas próprias experiências, dentre outras coisas, como agradáveis ou não. Apesar de ser menos complexo, parece presentificar algo como uma pré-elaboração de imagem. Assim, pode-se dizer que os primeiros ensaios para a construção da imagem-conceito atualizam-se antes mesmo de a criança apropriar-se de uma linguagem, ou seja, do código.

Sob esse prisma, admita-se como referência o fato hipotético de que um ser humano, desde o seu nascimento, (sobre)viveu isolado, longe de qualquer ambiente sociocultural, e que, por isso, não precisou desenvolver um código

lingüístico para se comunicar. Com base nas premissas arroladas, é possível afirmar que seriam altas as probabilidades de esse humano, mesmo tendo vivido em estado de isolamento do social, construir imagens-conceito de existências identitárias do seu entorno ou daquelas apenas possíveis em sua mente, pois, pela percepção e imaginação, tenderia a objetivar e a atribuir significação ao mundo, distinguindo-se dele. Por não exigir verdade (contanto que fizesse sentido), bastaria que ele, a partir do seu repertório e de suas competências psíquicas, cognitivas, fisiológicas e ecossistêmicas, apreciasse uma identidade qualquer do entorno, estabelecendo-lhe conceito. A realização de uma imagem-conceito consiste, então, em reconhecer um conjunto de propriedades que se supõem caracterizantes de uma dada identidade-sujeito da imagem. Trata-se, portanto, de “reconhecimento” que, a bem da verdade, é uma atribuição” (Gomes, 2004, p. 255).

Assim, afirma-se que a imagem-conceito constrói-se no lugar, é da qualidade da significação e não da comunicação. Dessacraliza-se a comunicação do seu lugar de determinante na construção da imagem-conceito, deslocando-a, no âmbito desses processos, para um lugar de coadjuvante da significação. Assume relevo o fato de que a imagem-conceito de uma dada identidade (empresa, instituição, pessoa) pode ser construída, mesmo que para isso não se materializem ações de comunicação.

## Considerações finais

A seguir, pontuam-se apenas algumas das principais inferências realizadas pelo estudo. A imagem-conceito: (a) exige significação, mas não, necessariamente, comunicação; (b) não se constrói, obrigatoriamente, sobre o “ser”, o que é de fato, mas a partir das impressões, dos estímulos diretos e indiretos, das percepções, bem como das diferentes capacidades e dos domínios do construtor em articular e processar esses elementos. Portanto, a imagem-conceito refere-se ao parecer; (c) tem a comunicação como o seu principal sistema potencializador, principalmente na ordem do estratégico; (d) é atualizada na mente do construtor (pessoa/públicos), porém isso não impede o sujeito-identitário de informar, orientar ou seduzir, para

que ela tenda a ser construída da forma desejada; (e) é uma elaboração que tensiona o indivíduo ao grupo socio-cultural; (f) é constantemente (re)tecida em processos e subprocessos interativos e interdependentes, diversamente imbricados, que a engendram permanentemente e, de forma recursiva, são por ela gerados e regenerados.

Na mesma direção, destaca-se que, sob o viés do interacionismo simbólico, nos processos de construção da imagem-conceito, a alteridade compara e julga a harmonia entre: (a) o que é ofertado pela entidade identitária de modo consciente, por meio de enunciados que empregam diversas linguagens (planejado); (b) aquilo que se oferece independentemente da vontade e do domínio do emissor (não-planejado); (c) o seu repertório; e (d) as alterimagens<sup>9</sup> idealizadas. As incoerências entre essas esferas de emissão e recepção, por mais singelas que possam ser, tendem a ser percebidas pela alteridade como uma espécie de ruído.

Para a atualização da imagem-conceito, é provável que os insumos de imagem realizem um percurso de apropriação que compreende articulações diversas, antes de experimentar uma certa estabilização. O que estimula o sujeito e a semiose que o estímulo desencadeia tende a obedecer às orientações ofertadas pela cultura, pelo imaginário e prescritas pelos paradigmas do seu grupo social.

Observe-se que cada identidade tenderá a ter várias imagens-conceito construídas pelos seus diferentes outros, e, no seu processo de construção e de fabricação, poderão ter sido articuladas várias auto e alterimagens. Dessa forma, a imagem-conceito realiza-se em negociações, disputas, estimulações, percepções, dúvidas, desorganizações, (re)organizações, identificações, resistências, recursões e diálogos. Como forma de conhecer, o sujeito/público ordena, sutura, destaca, reforça e aprecia os elementos que acredita serem caracterizadores da identidade-sujeito da imagem. Assim, a imagem-conceito consiste em um *complexus* de lugares-força que atraem/repelem, concentram/dispersam, catalisam/esterilizam, misturam/separam os insumos de imagem, em permanente processo semiótico de percepção, apreciação, construção organizadora, caracterizadora e sintetizante. Por fim, cabe destacar que a imagem-conceito não é uma questão de verdade ou de coerência. Nem o é de transparência ou de ética. Tampouco se reduz à comunicação. Transcendendo a essas questões isoladas, constrói-se na e sobre a significação que resulta da complexidade relacional entre as identidades (materiais, fantasiosas, virtuais ou oníricas) e suas alteridades.

<sup>9</sup> O termo alterimagem, nesse caso, é empregado para referir as imagens idealizadas que os sujeitos constroem de suas alteridades, ou seja, o termo compreende as expectativas que os sujeitos têm frente suas alteridades (os outros).

## Referências

- BAKHTIN, M. 1999. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. 9ª ed., São Paulo, Hucitec, 196 p.
- BALDISSERA, R. 2000. *Comunicação organizacional: o treinamento de recursos humanos como rito de passagem*. São Leopoldo, Editora Unisinos, 116 p.
- BALDISSERA, R. 2004. *Imagem-conceito: anterior à comunicação, um lugar de significação*. Porto Alegre, RS. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 295 p.
- CALVINO, I. 1990. *As cidades invisíveis*. São Paulo, Companhia das Letras, 150 p.
- CALVINO, I. 2001. *Seis propostas para o próximo milênio: lições americanas*. 2ª ed., São Paulo, Companhia das Letras, 141 p.
- COMPAGNON, A. 2001. Sentido não é significação. In: A. COMPAGNON, *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Belo Horizonte, UFMG, p. 85-90.
- ECO, U. 1991. *Tratado geral de semiótica*. 2ª ed., São Paulo, Perspectiva, 282 p.
- FOUCAULT, M. 1996. *Microfísica do poder*. 12ª ed., Rio de Janeiro, Graal, 295 p.
- GOMES, W. 1999. A política de imagem. *Revista Fronteiras: estudos midiáticos*. 1(1):145-75.
- GOMES, W. 2004. *Transformações da política na era da comunicação de massa*. São Paulo, Paulus, 451 p.
- GUIMARÃES, L. 2000. *A cor como informação: a construção biofísica, lingüística e cultural da simbologia das cores*. São Paulo, Annablume, 143 p.
- MORIN, E. 2000. *Meus demônios*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 333 p.
- MORIN, E. 2001. *Introdução ao pensamento complexo*. 3ª ed., Lisboa, Instituto Piaget, 177 p.
- MORIN, E. 2002. *O método 4*. 3ª ed., Porto Alegre, Sulina, 319 p.
- PEIRCE, C.S. 1975. *Semiótica e filosofia*. São Paulo, Cultrix, 234 p.
- RUIZ, C.B. 2003. *Os paradoxos do imaginário*. São Leopoldo, Editora Unisinos, 190 p.
- SANTAELLA, L. 2002. *Semiótica aplicada*. São Paulo, Pioneira Thomson Learning, 297 p.
- SANTAELLA, L.; NÖTH, W. 2001. *Imagem, cognição, semiótica, mídia*. 3ª ed., São Paulo, Iluminuras, 222 p.
- WEBER, M.H. 1999. Política, refém da imagem pública. In: M. PIMENTA; S. CAPARELLI; R.R. LONGHI; J.L. de C. RECKZIEGEL; M. ROCHA; M.H. WEBER; M. BACIM; F. RÜDIGER; G.P. GOMES; J.M. da SILVA; A.C. GRUSZYNSKI; M.L.C. BAPTISTA; J.G.B.R. e SILVA, *Tendências na comunicação 2*. Porto Alegre, L&PM, p. 70-82.

Submetido em: 14/08/2008

Aceito em: 05/09/2008